

Características do dialeto trentino

Everton Altmayer Leopoldino

Abstract: *This article is about the linguistic reality of the trentinian dialect. The objective of this work is to present the characteristics of this italian dialectal variant.*

Keywords: *Tirol; Trentino; Dialectology; Romanistic.*

1. Introdução

Este artigo visa apresentar – ainda que de forma introdutória – as principais características do dialeto trentino, pertencente ao contexto alpino que compõe o diversificado quadro dos dialetos galo-italícos e padanos do norte da Itália. Acreditamos que essa seja uma contribuição para os estudos diacrônicos da romanística, no intuito de apresentar um caso de desenvolvimento do latim vulgar na área alpina.

Para uma melhor contextualização da realidade sociolingüística do dialeto trentino, é necessário compreender que, diferentemente das demais regiões setentrionais italianas, a atual Província Autônoma de Trento é a porção meridional da região histórica do Tirol e esteve sob o domínio austríaco desde o sécu-

Everton Altmayer Leopoldino é metrandor em Filologia Portuguesa na FFLCH/USP, sob orientação do Prof. Mário Eduardo Viaro.

lo XIV até 1918¹ (final da Primeira Guerra Mundial). Enquanto nas demais áreas tiroleas o idioma principal é o alemão, na área trentina o idioma principal é o italiano. Em alguns vales do *Trentino* e do *Alto Adige* é mantido o idioma ladino, um resquício lingüístico cujo substrato remontaria a antigas populações pré-romanas latinizadas na época de Augusto; forma, a crer nas hipóteses de Bartoli, juntamente com o romanche da Suíça e o friulano da Itália, o grupo reto-românico (Rohlf, 1954). Seus dialetos são falados em regiões do *Trentino*, *Alto Adige*, *Veneto* e *Friuli-Venezia Giulia*. O ladino não pode ser considerado apenas como um dialeto, mas trata-se de um grupo lingüístico diferenciado; diferencia-se inclusive do romanche suíço e do friulano. O próprio nome *ladin* (*ladin*) é uma referência à latinização dessa área rética.

2. Contexto lingüístico da Gália Cisalpina

A região alpina trentina fora em meados de 390 a.C. um ponto de encontro entre os falares réticos e gauleses. Na época de Augusto, a Gália Cisalpina fora totalmente latinizada e nesse contexto histórico surgiram algumas das cidades mais importantes na região como Trento (Tridentum), Cles, Viena (Vindobona), Bolzano (Balsanum) etc. Antes das invasões germânicas (a partir do século V), um antigo ladino se estendia por boa parte do atual Trentino, tendo sido a língua corrente nessa região da Galo-românia. Esse substrato ladino sofreu, primeiramente, influências germânicas (por conta das sucessivas invasões de ostrogodos, francos, longobardos e baiuvaros) que se espalharam no falar de toda a região setentrional italiana. Posteriormente, ocorreu o processo perda do ladino, ocasionado primeiramente pelo lombardo (do subgrupo galo-italico) e posteriormente pelo vêneto. Podemos afirmar que o dialeto trentino é, portanto, resultado não apenas do desenvolvimento do latim vulgar naquela área da Gália Cisalpina, mas também fruto desses diversos contatos lingüísticos ali existentes: inicialmente do substrato ladino (uma vez que o “antigo ladino” se estendia desde o sudeste da Suíça até a antiga Ístria), posteriormente influ-

¹ As atuais Províncias de Trento (*Trentino*) e Bolzano (*Alto Adige* ou *Südtirol*), que hoje compõem uma região autônoma, eram a parte meridional do Estado do Tirol, região pertencente ao Império Austríaco e posteriormente ao Império Austro-húngaro (até 1918). Os trentinos, chamados em alemão *Welschtiroler* (tirolês italiano ou tirolês galo) eram identificados como aqueles de língua italiana ou ladina dolomítica (existindo, portanto, uma diferença entre os de origem itálica ou romana e os *galos* de língua latina, isto é, entre os italianos da Península e os trentinos e ladinos tirolezes). Após a I Guerra Mundial, a porção sul do *Land Tirol* passou para o domínio italiano, gerando conflitos que culminaram com o estatuto de autonomia vigente atualmente nas províncias. *Trentino* significa, portanto, aquele que pertence à região que hoje compõe a Província Autônoma de Trento; *tirolês*, por sua vez, ainda designa aquele que possui ascendência daquela região, seja do *Trentino*, do *Alto Adige* (*Südtirol*) ou do atual Tirol austríaco.

enciado pelo superstrato lombardo e depois pelo um superstrato vêneto; pelo estreito contato histórico com os tirolezes de língua alemã, o dialeto recebeu uma considerável influência (principalmente lexical) do alemão. O alemão tirolês (*tirolerisch*) é um dialeto pertencente ao grupo bávaro (*bairisch*) e também influenciou o ladino nos séculos de contato com este; em alguns vales trentinos sobrevivem dois dialetos alemães: *bernstolerisch* ou *mòcheno* e o *zimberisch* ou *cimbro*, originários do antigo alto-alemão (*Althochdeutsch*) e do médio alto-alemão (*Mittelhochdeutsch*).

O dialeto trentino se forma exatamente na área de encontro entre os dialetos lombardo e o vêneto, mas de forma interessante várias de suas variantes se afastaram de ambas as influências, de forma que é válido afirmar que o dialeto trentino é um dialeto próprio. A influência galo-italica se expandiu por boa parte do norte da Itália, desde a atual Lombardia até o Val d'Aosta na divisa com a França e no cantão suíço de Ticino; para o leste se expandiu até a fronteira com as áreas vênetas e depois recuou gradativamente até a margem esquerda do rio Ádige, ou seja, na metade do Trentino (*mezzogiorno*). No Trentino, o lombardo se expandiu principalmente pelo sudoeste, influenciando as áreas ladinas de *Val di Non* e *Val di Sole*, mantendo-se na área central e chegando até a cidade de Trento, onde encontrou resistência do falar vêneto, que, por sua vez, se fixou por toda a parte ocidental trentina, influenciando, inclusive, a área ladina de *Val di Fassa*. Essas duas pressões, galo-italica e vêneta, agiram de forma tal que o aspecto geográfico montanhoso trentino ainda pode mostrar a influência desta ou daquela. Além dessas, a partir do século X uma terceira “pressão” ocasionada pela língua alemã seguiu pelo sul através do rio Ádige, com a chegada de colonos de língua vindos do Tirol setentrional e ali instalados pelos condes tirolezes; é também essa antiga presença da língua alemã que diferenciou o linguajar trentino do lombardo e do vêneto. A geografia montanhosa foi uma das principais causas do grande número de variantes do dialeto, uma vez que durante séculos o isolamento e as dificuldades de transição permitiram a formação de vários grupos lingüísticos no Trentino que evoluíram em realidades praticamente individuais².

3. Características principais do dialeto trentino

Existem diversas variantes trentinas e seria quase impossível descrever as principais características de cada variante. Contudo, para uma compreensão

² Não são poucos os casos de comunidades que desde a Idade Média possuíam administração própria e leis aplicadas às suas pequeníssimas áreas de jurisdição. No Trentino existiu até meados do século XX a *Magnifica Comunità di Fiemme*, que controlava de forma autônoma todo aquele vale.

geral acerca da realidade do trentino, apresentamos algumas das características mais marcadas.

- no dialeto de influência lombarda no trentino ocidental, ocorre a palatalização da *ū* latina em *ü* [y]: *fūm* < fūmu < fumo>, *dūr* < dūru < duro>, *frūt* < fructū < fruto>, *lūna* < lūna < lua>, *cūna* < cūna < berço>; *pūles* < pulīce < pulga>; *siidor* < sūdōre.

- desenvolvimento da *ō* latina e do antigo ditongo *uo* em *ö* [ø]: *fōcu* > *fōch* < fogo>, *core* > *cōr* < coração>, *nōra* > *nōra* < nora>, *ōvu* > *ōf* < ovo>, enquanto o desenvolvimento de *ū* > *ü* em qualquer posição. Os êxitos de *ō* (aberto do latim tardio) ocorrem prevalentemente na vogal posterior meio aberta: *homo* > *ōm* < homem>; em sílaba fechada: *dormit* > *dōrme* / *drōme* < dorme>, *mortu* > *mōrt* < morto>; *é* [e] e *ó* [o] (fechadas do latim tardio, respectivamente *ī*, *ē*, *ū*, *ō* do latim clássico) permaneceram inalteradas em praticamente todas as posições, aspecto comum ao trentino: *fēmina* > *fēmena* < fêmea>; *pīlu* > *pel* < pêlo>; *pīsce* > *pes* < peixe> - uma característica difusa na realidade alpina e padana, onde ocorreu a redução dos antigos *ei* e *ou*, ainda mentidos em dialetos do friulano e do ladino (Battisti 1960). No trentino ocidental e no dialeto da cidade de Trento, por conta da pressão vêneta, ocorreu a manutenção da vogal aberta *o*, que não se modificou em *uo*: *fōcu* > *fōch* < fogo>, *nōra* > *nōra* < nora>.

- desenvolvimento de *ī* [e] (aberto do latim tardio) que pode ocorrer fechado *é* [e] por influência dum antigo ditongo *ie* e que se encontra em sílaba aberta: *mele* > *mél* < mel>, mas que também ocorre sem os traços do antigo ditongo, onde a vogal permanece aberta: *firru* > *fēr* < ferro>; *vitillu* > *vedèl* < bezerro>. A redução de *uo* > *ö*, de *ie* > *è* é segundo Battisti (1960; p.p. 14-59) uma característica alpina anterior ao século XII.

- tendência à queda das vogais finais *e*, *i*, *o*, *u*: *vulpe* > *bólp* < raposa>, *fine* > *fin* < fim>, *vinit* > *ven* < vem>, *firru* > *fēr* < ferro>, *lupus* > *lōf* < lobo>, característica do trentino e que ocorrem em alguns falares vênets do Sul do Brasil (Luzzato 2000) talvez por influência da colonização trentina. Tal fenômeno se manifesta também em verbos monossilábicos: *dīcit* > *diz* (diz) **vōlet* > *vōl* < quer> - e por analogia *pōl* - *tōllet* > *tōl* < toma>. A queda da vogal final é um aspecto próprio do dialeto trentino, encontrado em todas as suas variantes (com exceção em algumas áreas ao sudeste de *Valsugana* e *Primiero*, de forte influência vêneta / feltrina). Contudo, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo o morfema *-o* é sempre realizado: *mi ciāpo* < eu pego>; *mi māgno* < eu como>. No caso de palavras com vogal final *a* tal queda não ocorre: família > *famēia* < família>; capra > *cāora* < cabra>; pluma > *piūma* < pluma>. Formas plurais masculinas em *-i*: *matelōt* < garoto>, pl. *matelōti*; *pè* < pé>, pl. *pèi*, e quase sempre a palatalização da consoante final no caso *l+i*: *cavàl* < cavalo>, pl. *cavài*; *cavèl* < cabelo>, pl. *gài*; plurais femininos em *-e*: *scódeghe* < lingüiça suína>, pl. *scódeghe*, *dōna* < mulher>, pl. *dōne*.

- ocorrência da africada alveopalatal vozeada para a maioria dos casos de *-di-* e *-ti-* latinos nas variantes de influência lombarda principalmente: *mandia* > *māncia* < espiga>; *gütia* > *gócía* < gota>; ocorrendo para os mesmos casos a fricativa alveolar vozeada nas variantes de influência vêneta: *mānza*; *góza*. Existem, contudo, palavras que ocorrem exatamente iguais em todas as variantes trentinas, contemplando a fricativa alveolar vozeada: *mīdiu* > *mez* < meio>; *nīptia* > *nēza* < neta>. Os sons palatais em posição posconsonantal interna e final: **mūlgire* > *mólger* < ordenhar>; *dūlce* > *dolc* < doce>, que também ocorrem com [z] e [s]: *mólzer*; *dolz*.

- eliminação total das consoantes duplas e de *r* como vibrante múltipla (*an* em vez de *anno*, *tera* em vez de *terra*), característica segundo Rohlfs (1954) comum a todos os dialetos setentrionais italianos.

- fenômenos "ladinos" de palatalização de *ca* e *ga* não ocorrem na maioria das variantes trentinas, com exceção de Val di Non; mas ocorreu desenvolvimento de *-cl-* intervocálico em *ġ* (depois de uma precedente fase de *-gl-*), fase esta comum também ao vêneta antigo, extinto pelo encontro com os resultados da palatalização de *-lj-* (> *j* > *ġ*) como o exemplo *speculu* > *speġo* > *spégio* < espelho> que se contrapõe aos casos mais comuns em *è*: *oculu* > *ócio* < olho>, *aurīcula* > *récia* < orelha>; *clave* > *ciàve* < chave> por causa da consoante sonora. Essa regra não se aplica ao dialeto trentino de Val di Non (dialeto *nónes*), área considerada por estudiosos como local onde o dialeto trentino se apresenta em sua forma mais conservadora dos caracteres ladinos (trentino em geral *fiór* < flor>; *ciàve* < chave>; trentino *nónes* *flor*; *clav*).

- no Vale do Ádige conjugação dos verbos em forma interrogativa com adição de *t* na primeira pessoa do singular: *sōnte?* < sou eu?>, na segunda pessoa do singular: *set?* < és tu?> e primeira pessoa do plural: *sēnte?* < somos nós?>. A conjugação dos verbos é aquela comum a boa parte do Trentino, muito semelhante à forma vêneta: *mi pàrlo*, *ti te pàrli*, *el 'l pàrlo* / *éla la pàrlo*, *noiàltri parlàn*, *voiàltri parlà*, *lóri ei pàrlo* / *lóre le pàrlo* < verbo falar>. A conjugação do verbo *ésser* < ser> segue na maioria dos casos a forma comum ao ladino e ao vêneta: *mi son*, *ti te sei* (ses), *el (lu) 'l èi* (è) / *éla l'èi*, *noiàltri* (noiàltri / noiàlter) *sen* (siàm), *voiàltri* (voiàltri / voiàlter) *sé* (sés), *lóri ei èi* / *lóre le èi*. Os verbos na terceira pessoa do plural são idênticos aos da terceira pessoa do singular, característica comum ao ladino, ao vêneta e a alguns dialetos lombardos.

- não há o pronome pessoal *io* < ego < eu>, substituído por *mi*, como no vêneta.

- dupla forma do pronome pessoal, com forma afirmativa e interrogativa (*ti te sei* / *set ti?*), onde na última torna-se enclítica do verbo. Trata-se de uma característica comum também ao ladino, ao friulano e ao vêneta. Enquanto no friulano se mantém em todas as pessoas, no trentino ocorre nas segunda e terceira pessoas do singular e terceira pessoa do plural. Em caso negativo, a negação geralmente antecede o segundo pronome (*ti no te sei*; *el no l'èi*; *lóri no ei èi*).

3a. pessoa do plural é a mesma da 2a.: *el laora, lori ei laora* (ele trabalha, eles trabalham). Essa característica no uso dos pronomes enclíticos na terceira pessoa é oriunda do demonstrativo latinos *ille* e *illi*.

- os verbos da 1ª. conjugação latina (*-an*, es. *cantán* < *cantāmus*) se mantêm diversos dos verbos da 2a. e 3a. (*-en*, es. *vedén* < *vidēmus*), e da 4a. conjugação (*-ín*, es. *sernín* < *sernimus*). O falar ladino possui a desinência *-umus* > *-ón* e os dialetos trentinos generalizam na desinência *-ēmus* > *-én*, como nos dialetos vênnetos e lombardos. A consoante *-t-* que se introduz entre a desinência verbal e *-e*, representa um som introduzido – segundo alguns estudiosos –, para facilitar a pronúncia. Isso ocorre nas formas do conjuntivo e do imperativo: *serninte noialtri* (escolhamos nós) de *noialtri sernín* (nós escolhemos), igualmente usado na forma interrogativa: *serninte noialtri?*

- na 2a. pessoa do plural se nota o uso do pronome pessoal enclítico *-vos* (es. *cantá*: *cantate*, *bevé*: *bevet*, *serní*: *sernite*), com influencia da interrogativa, ainda bem mantida no dialeto veneziano. A 2a. pessoa do singular se mantêm como nos dialetos vênnetos: *ti* < *te*.

- palavras de origem germânica são muitas e ainda comuns no falar trentino: *biòt* <sozinho, sem acompanhamento> (do alemão *bloss* <nu, sozinho, mero, puro>; gótico *blauths*; baixo-alemão *blot*); *canérderli* <nhoques de pão> (do alemão tirolês *Knöderl*); *Franzele* <apocorístico de *Francesco*> (em alemão tirolês *Franzl* / *Franzele* – ocorrendo também na forma italiana *Cesco*); *matèla* <garota> (do alemão bávaro / tirolês *Madel*); *mus* <eu preciso; não tem outro jeito> (do verbo alemão *müssen* <precisar>); *sat* <farto> (S) (do alemão *sat*); *sghit* <fezes de galinha ou pássaro> (do alemão *Scheisse*); *sgnàpa* <aguardente> (do alemão *Schnaps*); *sgnech* <mole> (do alemão *Schnecke* <caracol>; alemão antigo **snahhan* <amolecer>); *slipegàr* <escorregar> (do alemão tirolês *schlimpfen* <deslizar>); *toncàr* <molhar o pão no molho> (do alemão tirolês *tunken*); *tonch* <molho> (do alemão *Tunke*); *trincàr* <embriagar> (do alemão *trinken* <beber>).

3. Conclusão

Os aspectos aqui apresentados dão uma noção geral acerca do dialeto trentino e de suas origens. Servem, sobretudo, para podermos ampliar o nosso conhecimento acerca do desenvolvimento do latim tardio nessa área da România (ou Galo-românia). É válido lembrar que toda essa bagagem lingüística foi trazida durante a imigração européia do final do século XIX para o Brasil, quando um grande número de trentinos emigrou para a colonização das áreas rurais do Sul e para as fazendas de café do Sudeste. Acredita-se que aproximadamente trinta mil tirolese tenham desembarcado so-

mente no Brasil, pois houve também um grande número de emigrantes que seguiu para a Argentina e para os Estados Unidos.

O dialeto trentino é ainda a língua usual em muitas áreas coloniais brasileiras, principalmente nos estados do Sul e em algumas localidades do Sudeste. Decorridos mais de cem anos desde a chegada dos primeiros trentinos, o quadro lingüístico dessas comunidades é ainda um desafio por poucos enfrentado (Bonatti 1974; Leme 2001). Do contato entre colonos de diferentes províncias italianas surgiram muitas variantes de língua falada, verdadeiras *koinés* que contemplam muitas vezes mais de um dialeto. Estudar essas variantes e a sua realidade no contexto sociolingüístico brasileiro é ainda um desafio para os pesquisadores. Algumas comunidades como aquelas do Sul foram objeto de estudo de diversos lingüistas e dialetólogos, inclusive italianos, que buscavam no Brasil resquícios de antigas formas dialetais já extintas na Itália (Franceschi / Cammelli 1977). É válido lembrar que na maioria dos locais de imigração trentina, principalmente nas áreas rurais da colonização, ocorreram contatos lingüísticos entre falantes de diferentes localidades trentinas, além de italianos de demais áreas. Desses contatos surgiram variantes locais que são como *koinés* dialetais das áreas de imigração. Um exemplo desses contatos é o idioma *talian*, falado sobretudo no Rio Grande do Sul, que traz uma fortíssima influência vêneta acrescida de vocábulos lombardos, trentinos, e de demais dialetos.

Anexo

Grupos lingüísticos no Tirol



Fonte: Produção do autor

Bibliografia

- BATTISTI, Carlo. *La classificazione dei dialetti trentini*. Firenze: Sansoni, 1970.
- BONATTI, Mário. *O dialeto trentino de Pomeranos – um estudo de antropologia lingüística*. Tese de doutorado. Lorena: Faculdade Salesiana da FCL / Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí, 1968.
- FERREIRA, Carlota. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.3v.
- FOX, Elio. *I dialetti trentini in Trentino Oggi*, VII – *Collana di monografie “La Patria di origine”*. Trento: Panorama, 1997.
- FROSI, Vitalina & MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos italo-brasileiros no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- FRANCESCHI, Temistocle & Cammelli, Antonio. *Dialetti italiani dell’ottocento nel Brasile d’Oggi*. Firenze: Cultura, 1977.
- LEME, Maria Luisa de A. *Dio, che brut estudá... um estudo lingüístico da comunidade tirol-trentina da cidade de Piracicaba*. Campinas: Unicamp, 2001.
- ROHLFS, Gerhard. *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten*. Berna: A. Francke, 1949-1954. 3v.
- SCHMID, Heinrich. *Wegleitung für den Aufbau einer gemeinsamen Schriftsprache der Dolomitenladiner*. San Martin de Tor/Visch: Micurá de Rü/Majon de Fascegn, 1998.
- VIARO, Mario Eduardo. *Contato lingüístico do alemão no reto-românico: o caso dos verbos seguidos de advérbio*. Artigo apresentado no II Congresso Nacional da Abralín. Florianópolis, 1999.
- VIDESSOTT, Paul. *Evolution und Chancen der ladinischen Sprache*. Innsbruck: Wagner, 2002.
- VITTI, Guilherme. “*En contadin de Meano che s’ha fat bon brasiliano*” – *Centenario dell’immigrazione dei tirolesi del Municipio di Piracicaba – Brasile 1877-1977* (texto apresentado como apêndice na dissertação de Grosselli, 1990). Trento: Provincia Autonoma di Trento, 1990.